

# “Papéis sexuais” no acervo do Museu Paulista

Leonardo da Silva Vieira<sup>1</sup>

## “Sexual roles” at Museu Paulista collection

### **Introdução: políticas de aquisição de acervo como memória institucional**

A ascensão de uma maior preocupação com a formalização de políticas de aquisição de acervo pelos museus deu-se com base em inquietações de caráter ético e profissional. Buscava-se, por um lado, garantir a legalidade das aquisições com base em uma documentação que atestasse a origem dos itens a serem musealizados. Nesta esteira, o International Council of Museums (ICOM), desde 1970, têm incentivado com que os museus estabeleçam suas políticas de aquisição de acervo.

A publicação do “Ethics of Acquisition” é expressão deste incentivo. É importante pontuar que, este documento, assim como a “Convention on the Means of Prohibiting and Preventing the Illicit Import, Export and Transfer of Ownership of Cultural Property”, é também expressão de uma maior preocupação com o tráfico ilegal de bens culturais, artísticos e arqueológicos, impulsionado pela

---

<sup>1</sup> **Leonardo Vieira:** Historiador, museólogo (COREM 4R 341 II) e produtor cultural. Desenvolve trabalhos técnicos e pesquisas relacionadas à gestão de acervos museológicos, formação em museologia, patrimônio e memória LGBTQIA+ e processos curatoriais.

E-mail: [leonardo.silva.vieira@alumni.usp.br](mailto:leonardo.silva.vieira@alumni.usp.br).

-----  
Artigo recebido a 30.10.2020

Aprovado para publicação a 17.01.2021

ocorrência da Segunda Guerra Mundial (O'Keefe, 1998; Schmidt, 1992).

Por outro lado, a formalização de políticas de aquisição visava assegurar a adoção de práticas institucionais profissionais e racionalizadas. Esta busca possuía razões de ordens financeira e espacial, afinal, o crescimento desordenado de acervos museológicos demanda altas cifras monetárias e espaços de acondicionamento de dimensões consideráveis (Lord; Nicks, 1989, apud Weil, 2002).

Porém, o incentivo à práticas racionalizadas de aquisição de acervo deu-se também por questões de ordem cultural e social. Steven Lubar afirma que a normatização da aquisição de acervo no Smithsonian Institute ocorreu também devido à busca da instituição em produzir conhecimento sobre questões históricas que gerassem interesse em públicos diversos (Lubar, 2015).

Lubar afirma que, influenciada pelo movimento da história social, a instituição procurava dar vazão à novas histórias sobre grupos sociais diversos. A consolidação do interesse no campo das ciências humanas, e em especial no campo da História, em temas ligados à grupos sociais específicos, tais como a comunidade negra, indígena e LGBT, incentivou o advento destas discussões nos museus.

De toda forma, os documentos que estabelecem critérios para a aquisição de acervos museológicos em museus, além do caráter gerencial, constituem importantes fontes de conhecimento para que possamos constituir a história das instituições museais e dos processos museológicos em seu caráter formal.

Entretanto, para que possamos desenhar tal história de maneira integral, é fundamental que a documentação resultante da prática de aquisição de acervo seja também objeto de estudo. Sendo assim, surgem à tona cartas de doação, propostas de compra de acervo e relatórios de gestão de acervo, dentre outros documentos, enquanto objeto de interesse de historiadores, museólogos, e diversos outros pesquisadores interessados neste campo,

Foi a partir da valorização do caráter informacional da documentação citada nos parágrafos anteriores que a pesquisa, da qual este artigo é resultado, foi desenvolvida. Ao estudar a aquisição

de acervo do Museu Paulista, empreendida dentre os anos de 1990 e 2015, foi possível reconhecer na prática institucional uma série de elementos em comum ao campo da História, dos museus de história e da Museologia nas décadas finais do século XX.

Visando divulgar parte dos dados obtidos na pesquisa em questão, este artigo trará um breve panorama da aquisição de acervo empreendida entre 1990 e 2015 na instituição, bem como focará nas aquisições efetuadas tendo como justificativa o encaminhamento de questões relativas à discussão de gênero. Por fim, será problematizada a ausência de aquisições referentes às populações LGBT no Museu.

### **Panorama da aquisição de acervo do Museu Paulista**

O Museu Paulista, primeiro museu público de São Paulo, inaugurado no ano de 1895, foi instalado no interior do edifício-monumento construído em comemoração ao Centenário da Independência do Brasil como um museu de História Natural que, ao longo de sua trajetória, foi sendo direcionado para o campo da História e da Cultura Material.

A finalização deste processo de redirecionamento ocorreu por meio da implementação do Plano Diretor da instituição durante o primeiro ano da gestão do professor Ulpiano Toledo Bezerra de Meneses, ocorrida durante os anos de 1989 e 1994<sup>2</sup>.

Foi também por meio do Plano Diretor que a atual política de aquisição de acervo da instituição foi implementada. De forma geral, tal política estabeleceu que caberia ao Museu recolher “quaisquer suportes materiais de informação pertinentes aos problemas históricos em causa”, problemas estes relacionados às três linhas de pesquisas da instituição, também estabelecidas por meio do

---

<sup>2</sup> Importante pontuar que o Plano Diretor do Museu Paulista é fruto de um amplo processo de revisão da atuação dos museus estatutários da Universidade de São Paulo elaborada durante as décadas de 1980 e 1990 pela Reitoria da USP (, 2018).

documento de 1990: “I. Cotidiano e Sociedade, II. Universo do Trabalho e III. História do Imaginário” (Meneses, 1990, p. 3).

É interessante ressaltar que a política de aquisição de acervo do Museu deixa explícito o desejo de que a instituição se afaste de uma noção positivista da história, evitando o colecionismo de “objetos históricos”, obrigatoriamente marcados por atributos particulares” (Meneses, 1990, p. 3-4).

Em uma série de documentos institucionais e textos publicados em periódicos, Meneses apontou o caráter assistemático da aquisição de acervo do Museu Paulista, sua desvinculação com projetos de pesquisa, bem como sua dependência das doações de famílias proeminentes do estado de São Paulo (Meneses, 1990b; 1994) Além disso, em relatório do ano de 1988, foi criticada a “visão errônea de acervo” museológico por parte da Reitoria da Universidade de São Paulo, que entendia “que as peças destinadas ao Museu Paulista devem: 1. Não ter valor comercial elevado; 2. Ter valor histórico e constituir antiguidade; 3. Ser nacionais” (Museu Paulista, 1988, p. 4).

Dado isso, a política de aquisição proposta em 1989 pretendia garantir o desenvolvimento de coleções museológicas dotadas de alguma especialização, sistematização e compostas por séries documentais de cultura material, a partir de uma perspectiva ampla.

O estudo dos 25 anos de execução da política de aquisição de acervo do Museu demonstrou que a instituição alcançou muitas de suas pretensões, afinal adquiriu acervos de diversas tipologias, relacionados à múltiplas temáticas e provenientes de variados grupos sociais.

Vale destacar que as tipologias de acervo que mais foram acrescidas durante o período analisado foram, com relação às aquisições por compras, as fotografias, os itens de Medalhística e Heráldica e utensílios de cozinha, enquanto nas aquisições por doação foram a indumentária, a fotografia e os documentos pessoais.

Sobre os projetos e temas de pesquisa que mais apareceram como justificativa para o aceite das doações encontram-se o projeto

Banco de Dados Iconográfico<sup>3</sup>, e os temas relacionados ao Movimento Constitucionalista de 1932<sup>4</sup> e ao espaço doméstico. Com relação às coleções compradas, as justificativas foram embasadas com base no projeto O Morar Paulistano<sup>5</sup> e os temas espaço doméstico e história urbana.

Mesmo sendo uma instituição de referência para setores da elite paulista – do ponto de vista econômico, cultural e intelectual -, o que faz com que o Museu possua uma quantidade considerável de itens de forte caráter excepcional, é inegável que a instituição nas últimas décadas dedicou forte apreço à indicadores de memória ligados a práticas cotidianas de grupos diversos, com especial ênfase na classe média.

O entusiasmo com relação às coleções relativas ao imaginário mostra-se interessante pois aponta para a compreensão das coleções e objetos adquiridos enquanto representações sociais, frutos de criações, apropriações e reformulações. A postura do Museu Paulista deixa claro o abandono da noção de que cabe a um museu de história

---

<sup>3</sup> O projeto Banco de Dados Iconográfico funcionou entre 1992 e 1995 e tinha como objetivo central “a formatação de um banco de dados, que referenciasse coleções dispersas em inúmeras instituições, segundo recortes cronológicos e tipológicos, e que propiciasse o desenvolvimento de problemáticas ligadas às linhas de pesquisa da instituição: Iconografia Publicitária (espaço doméstico); Iconografia Fotográfica Urbana (álbuns de família e cartões postais) e Iconografia Impressa (caricatura)” (MIYOKO; SILVA; LIMA; CARVALHO, 2004, p. 266).

<sup>4</sup> O Movimento Constitucionalista de 1932 consistiu em uma revolta armada liderada pelo estado de São Paulo com o intuito de derrubar o Governo Provisório de Getúlio Vargas, que enfraquecera a chamada “política café com leite”, espécie de alternância de poder entre os estados de São Paulo e Minas Gerais, e que fosse promulgada uma nova Constituição para o país.

<sup>5</sup> O projeto Morar Paulistano, de responsabilidade dos Professores Doutores Vânia Carneiro de Carvalho, Paulo César Garcez Marins e Solange Ferraz de Lima, docentes do Museu Paulista, tem como “questão principal a constituição da “casa moderna” como um dos polos de difusão de um novo modo de vida associado ao consumismo e às formas de exibição que asseguram prestígio e riqueza social” (Carvalho, 2014; , 2020).

oferecer ilustrações fidedignas de processos e acontecimentos, com a adoção da prática de disseminar e historicizar as diferentes narrativas.

Alongando-me um pouco sobre este tópico, é muito interessante nos atentarmos para a coleção institucional de objetos alusivos ao processo de Independência do Brasil. O Museu Paulista, por seu vínculo com as comemorações da independência nacional, foi responsável por difundir uma determinada narrativa sobre este processo. O quadro de Pedro Américo, intitulado “Independência ou Morte”, é uma das principais expressões de tal narrativa. Abandonando uma conduta celebratória, a instituição paulista tem adquirido uma ampla gama de objetos que expressam diferentes construções, apropriações e reformulações de discursos sobre a independência do país.

### **Os ‘papéis sexuais’ no acervo do Museu Paulista**

Como dito anteriormente, o Plano Diretor do Museu Paulista estabeleceu que caberia à instituição desenvolver pesquisas sobre os “papéis sexuais” presentes na sociedade, principalmente por meio da linha de pesquisa I - Cotidiano e sociedade (papéis sexuais, idade e enculturação). Seguindo tal direcionamento, ao longo do período estudado a instituição incorporou ao seu acervo coleções e objetos relacionados a questões sobre distinções de gênero.

Primeiramente, é importante apontar que, das 509 doações de acervo levantadas durante a pesquisa, aproximadamente 52% foram feitas por mulheres e 36% por homens (4% foram feitas por pessoas jurídicas e em 8% das doações não foram identificados os doadores). Este dado é interessante pois nos auxilia a compreender aspectos do recorte de gênero na construção de personalidades públicas em museus, afinal, sabemos que a doação à uma instituição museológica constitui também uma ferramenta de autoconstrução da própria identidade (Abreu, 2011).

Em seguida, é preciso dizer que neste texto serão considerados apenas os processos de aquisição de acervo baseados explicitamente

no encaminhamento de discussões sobre distinções de gênero<sup>6</sup>, afinal, a pesquisa, da qual este texto é resultado, objetivou identificar o interesse institucional expresso em cada aquisição, e não interesses possíveis.

Após estes apontamentos, foquemos nos dados de caráter essencial das aquisições de acervo em questão. O primeiro dado destacável refere-se à tipologia das coleções e objetos que mais cresceram devido ao interesse pela abordagem de papéis sociais de gênero. Tratam-se, de forma decrescente, de conjuntos de utensílios de cozinha, brinquedos, objetos de posse e uso pessoal – tais como roupas, acessórios, itens de higiene, documentos de identidade, troféus e chaveiros -, objetos relacionados a outras modalidades de trabalho doméstico e fotografias.

É interessante destacar a diversidade de tipologias. Vejamos, como exemplo, a doação feita por Erasmo Hélio Machado Lopes, entre os anos de 2001 e 2002, composta por objetos comemorativos do Movimento Constitucionalista de 1932 (distintivos, anel e pingente), itens e acessórios de indumentária (leques e relógios), itens eletrônicos e de decoração (rádio, máquina fotográfica, relógios, porta-chapéus), documentos textuais diversos (carteiras de identidade, de associação profissional, diplomas, partituras musicais, etc), cartões postais e fotografias. Estes objetos pertenceram ao doador e à alguns de seus familiares.

O apreço do Museu Paulista por uma variada gama de tipologias documentais pode ser explicado por mudanças de foco no interesse de historiadores, para nos determos ao campo de domínio da instituição. Durante a segunda metade do século XX, os historiadores empenharam-se de forma crescente a abordar diversos

---

<sup>6</sup> Tratarei, portanto, dos processos de aquisição por compra de número 2011.1.154.33.7 (2011), 2011.1.640.33.9 (2011), 2011.1.71.33.4 (2011), 2012.1.145.33.9 (2012), 2014.1.462.33.6 (2014), e das doações recebidas de Carmencita S. B. Jullien (1993), Maria Elisabete Moreira Resafa Nogueira Martis (1999), Josephina Cecília Raphaelian Ortiz Ramos (1999) e Erasmo Hélio Machado Lopes (2002).

campos da vida social, e não apenas os domínios político e econômico (Burke, 1992).

A ampliação dos objetos de estudo levou à necessidade de diversificação das fontes. Este movimento impulsionou que evidências arqueológicas, objetos, fotografias, iconografias, e quaisquer outros indícios que permitam que o historiador infira dados acerca da sociedade estudada, despertassem cada vez mais a atenção destes profissionais (Burke, 1992; Barros, 2005).

De acordo com o Laudo Técnico e de Avaliação da doação de Lopes, fora destaques individuais sobre os objetos – como, por exemplo, as “partituras utilizadas por mulheres de classe média” -, é nos informado que a coleção possui interesse para o Museu Paulista pois constitui “a seleção do doador daqueles objetos relativos à sua ‘identidade’ e informa sobre a “constituição de gênero sob a ótica dos documentos materiais”<sup>7</sup>.

Proseguindo no panorama das aquisições, vale a pena destacarmos outros termos presentes na documentação, especificamente nos laudos técnicos e de avaliação, que explicitam o interesse institucional pela temática em questão, tais como “distinções de gênero”, “diferenças de gênero”, “temas comuns ao universo masculino”, “trabalho feminino doméstico”, “produção e percepção do corpo (feminino/masculino)” e “constituição de gênero sob a ótica dos documentos materiais”<sup>8</sup>.

É interessante destacarmos estes termos pois eles constituem o cerne das justificativas para a aquisição das coleções e objetos em questão e nos direcionam para subtemas de interesse da instituição: identidade e autoimagem, corpo, trabalho doméstico e, principalmente, processos de construção e perpetuação do que seriam características “femininas” e “masculinas”.

---

<sup>7</sup> Todos os documentos cujos trechos foram citados neste texto encontram-se no Serviço de Documentação Textual e Iconografia do Museu Paulista (SVDHICO-MP). Uma lista deles, bem como uma breve descrição, podem ser acessados em , 2020.

<sup>8</sup> Cf. os laudos técnicos das doações realizadas por Erasmo Hélio Machado Lopes em 2002.

Alguns destes subtemas aparecem no processo de aquisição nº 12.1.429.33.7, referente à uma coleção de objetos comprada do antiquário Objetos de Cena Comércio de Antiguidade Ltda ME. Esta coleção inclui, dentre outros itens, eletrodomésticos e utensílios culinários (fogão, geladeira, batedeira, panelas, descascador de alimentos, fruteira, livros de receita, embalagens diversas), utensílios de serviços de limpeza (espanador, baldes, tábua de lavar roupa), utensílios de costura (cesta para linhas e agulhas), acessórios para confeitaria, álbuns familiares de fotografia, itens de decoração (quadros, vasos, esculturas, bibelôs, pratos de decoração) e brinquedos.

É importante destacar o uso cotidiano de muitos dos objetos desta coleção, principalmente dos utensílios culinários e de serviços de limpeza. A historiadora Flavia Fernandes de Souza afirma que as pesquisas brasileiras sobre o espaço doméstico foram desenvolvidas com profundas intersecções com a história das mulheres e do cotidiano. Souza também destaca que estas pesquisas foram empreendidas “especialmente nos domínios da História Social do Trabalho” (Souza, 2015, p. 276).

Estas informações são fundamentais para compreendermos o fato de que a imensa maioria das aquisições de acervo por compra da instituição paulista foram realizadas no âmbito do projeto O Morar Paulistano, além da presença preponderante de objetos de trabalho doméstico nas aquisições empreendidas.

É pertinente apontarmos, ainda, que o interesse na história do cotidiano, manifestado de forma crescente ao longo das últimas décadas do século XX, contribuiu enormemente para a ampliação das tipologias manipuladas pela crítica historiográfica contemporânea. José D’assunção Barros chega a afirmar que a história da cultura material foi uma das áreas que mais se beneficiou com este interesse (Barros, 2005).

Em seguida, é importante tecermos alguns comentários sobre a aquisição de itens de indumentária pelo Museu Paulista. Este destaque se faz necessário pois estes itens tratam-se, majoritariamente, de peças de uso feminino, o que pode reforçar

certos estereótipos sobre a relação entre o estudo de vestuário e indivíduos do gênero feminino.

De início, é preciso declarar que a quase totalidade das aquisições de indumentária feitas pelo Museu Paulista foram empreendidas por meio de doações. Quando lembramos que dentre os doadores do Museu, mais da metade são mulheres, podemos compreender o dado apresentado no parágrafo anterior, mas não podemos aceitá-lo.

Para procurar equalizar a coleção de vestes sob a perspectiva de gênero, tão importante para uma série de tópicos discutidos pela instituição, cabe ao Museu investir em pesquisas de campo que resultem em aquisições de acervo.

Além disso, vale a pena citarmos que Teresa Cristina Toledo de Paula, conservadora de têxteis do Museu Paulista, afirma que a coleção de indumentária da instituição cresceu enormemente desde 1990 de forma pouco sistemática e sem critérios definidos (Paula, 2006).

Por fim, antes de finalizarmos esta seção do texto, gostaria de discutir uma grande questão que permeia todas as aquisições de acervo da instituição justificadas no estudo sobre gênero: a perspectiva binária. De acordo com a documentação consultada, mostra-se explícito que o interesse institucional por questões relativas a distinções de gênero só se manifesta com base no binarismo feminino – masculino.

Seguindo por esta via, a instituição, mesmo que aborde os “papéis sexuais” como construções sociais e culturais, acaba por naturalizar a visão binária com relação ao gênero e por excluir de seu radar as diferentes feminilidades e masculinidades possíveis de serem vividas socialmente.

Desconstruir a dualidade feminino e masculino é importante para problematizarmos a oposição entre os gêneros, bem como a unidade interna de cada um (Souza; Carrieri, 2010). Além disso, atentar-se para a diversidade existente entre o masculino e o feminino contribuirá para a musealização da memória e patrimônio da população LGBTI no Museu Paulista. Musealização esta que se

mostra urgente dado o vazio institucional sobre o tema, como veremos a seguir.

### **A ausência como política**

Infelizmente, a prática de aquisição de acervo do Museu Paulista do período estudado demonstrou que a instituição se manteve à margem do debate sobre a cultura material de populações LGBT<sup>9</sup>: além de demonstrar possuir uma perspectiva binária de gênero, não foi encontrada na documentação consultada nenhuma referência à aquisição de objetos ou coleções que possam ser pesquisadas a partir de questões relacionadas à diversidade sexual.

A memória e o patrimônio de lésbicas, gays, travestis e transexuais não despertaram o interesse da equipe do Museu Paulista. Longe de ser uma exceção, infelizmente, a postura do museu mantém-se à regra por inúmeros fatores.

De início, vale a pena pontuamos questões que extrapolam o universo dos museus e da museologia. Para isso, é importante refletirmos sobre os quatro axiomas especificados por Schmidt e Voss que explicariam o nulo reconhecimento de aspectos e expressões sexuais na pesquisa arqueológica (Schmidt; Voss, 2000 apud Amaral, 2014). Mesmo se relacionando a um campo de conhecimento específico, estes postulados contribuem para o entendimento das lacunas relativas à sexualidade em variados campos do conhecimento que abordam a cultura material.

---

<sup>9</sup> Importante pontuar certos avanços da instituição paulista: 1) por ocasião da reabertura do Museu Paulista em 2022, a instituição tem realizado uma série de “escutas coletivas” com representantes de diferentes grupos sociais, inclusive a comunidade LGBT, com o objetivo de nortear a proposta curatorial e a programação da instituição em 2022; 2) a instituição adotou uma linguagem de gênero neutra em suas redes sociais durante o feriado de Independência do Brasil. Fiquemos na expectativa de que tais ações não sejam fatos isolados e que resultem em políticas institucionais sólidas e contínuas em prol do reconhecimento e valorização da diversidade sexual e de gênero.

O primeiro axioma refere-se ao que o autor chamou de **essencialismo sexual**, decorrente da ideia de que a sexualidade e suas expressões não seriam “afetadas” por características culturais, afinal o sexo seria uma “força natural que precede a vida social” (Amaral, 2014, p. 243), tornando-se desta forma algo “imutável, associal e trans-histórico” (Rubin, 1984, p. 275); em seguida, teríamos o postulado resultante da compreensão da sexualidade como algo negativa, até mesmo perigosa. Aliado a isso, a culpa relacionada às práticas sexuais produziria a chamada **negatividade sexual**; em terceiro lugar, os autores colocam o axioma da **hierarquia sexual**, ou seja, a valoração da sexualidade ocorre apenas quando esta se manifesta por meio de relações afetivas, conjugais, monogâmicas e de finalidade reprodutiva; por fim, o postulado do **tratamento lascivo da sexualidade** se manifesta na constante associação desta com a pornografia, a obscenidade, o repulsivo (Schmidt; Voss, 2000 apud Amaral, 2014, p. 243-245).

Em segundo lugar, é preciso citar as origens patriarcais do conceito de patrimônio e a heteronormatividade que impera no desenvolvimento de processos da cadeia curatorial museológica. A seleção, valorização e comunicação de referências culturais e indicadores de memória que fogem à padrões heteronormativos ainda encontram muitos obstáculos para serem empreendidos (Baptista; Boita, 2017).

Jean Baptista e Tony Boita já apontaram que, além do fato de que a abordagem da sexualidade é praticamente nula nos museus brasileiros, “o tema LGBT ainda é negado por seus profissionais” (Baptista; Boita, 2017, p. 109). Flávio Amaral é outro autor responsável por denunciar que a “Mnemósine não tem bastado para salvar do Lete” as referências materiais do legado LGBT (Amaral, 2014, p. 237).

São escassas, quando pensamos no cenário museológico brasileiro, as iniciativas de cunho institucional que se debruçam sobre a memória e patrimônio LGBT. Além do mais, é preciso denunciar que, na história recente brasileira, as iniciativas que o

fizeram têm sido alvo de inúmeros ataques por parte de diferentes setores da sociedade.

Um terceiro fator que talvez tenha contribuído para a ausência de interesse do Museu Paulista com relação à memória e patrimônio LGBT é a existência, em São Paulo, do Museu da Diversidade Sexual, afinal muitos profissionais do campo museal alegam que os museus nos quais trabalham não lidam com o tema da diversidade sexual pois suas instituições, essencialmente, não tem relação com ele.

Seguindo esta lógica, podemos ser levados ao seguinte questionamento: se a cidade de São Paulo já possui um museu inteiramente dedicado ao tema, porque caberia ao Museu Paulista fazê-lo? A resposta é simples: os compromissos fundamentais do Museu

devem dizer respeito a questões históricas (isto é, relativas ao fenômeno da mudança), especificamente aquelas que a curadoria puder cobrir e, como é óbvio, centradas na sociedade brasileira (e seu segmento paulista), sem preconceitos cronológicos (MENESES, 1989, p. 2).

Dada a relevância de questões relacionadas à diversidade sexual e de gênero para a compreensão da sociedade brasileira, torna-se imprescindível que um dos maiores museus de história do país se dedique ao tema. Um dado fundamental para nos darmos conta desta relevância é o fato de que o Brasil lidera, simultaneamente, a busca por pornografia envolvendo transexuais e o assassinato desta população (Benevides, 2020).

Além do mais, a valorização da memória e patrimônio LGBT constitui uma ação cidadã empreendida em prol da superação das fobias relacionadas à diversidade sexual e de gênero impregnadas na cultura nacional. Assim como a luta contra o racismo é um dever de todos, a luta contra a homolesbotransfobia também.

Por fim, chamo atenção para um último ponto que considero crucial. Será mesmo que podemos afirmar que o Museu Paulista não possui objetos e coleções alusivos à diversidade sexual e de gênero? Afinal, se os procedimentos da cadeia museológica são

empreendidos, via de regra, com base em fundamentos patriarcais e heteronormativos, o que pode não ter sido notado ou registrado sobre as dezenas de milhares de itens que o Museu incorporou ao seu acervo desde sua fundação em 1893?

Esta é uma reflexão que deve ser feita por todos os profissionais de instituições museológicas. Em seguida, tais profissionais deveriam esforçar-se em revisitarem seus acervos a partir de olhares atentos aos testemunhos da presença inegável de indivíduos LGBT ao longo da história.

É louvável que já tenhamos instituições que têm procurado retirar do armário suas coleções sobre a diversidade sexual e de gênero. Cabe aqui, indicarmos algumas destas iniciativas.

Talvez a experiência de maior envergadura desenvolvida até o momento tenha sido a do British Museum. Desde 2009, o Museu tem se dedicado a abordar “the same-sex desire and gender identity” por meio de suas coleções. Dentre os resultados de tal empenho, considero fundamental destacar a publicação “A Little Gay History: Desire and Diversity across the World”, de Richard Parkinson: abordando a história de 40 objetos, este livro nos proporciona um panorama da diversidade sexual e de gênero encontrada em diferentes sociedades ao redor do mundo.

Mesmo que estejamos falando de um museu que possui um acervo de proporções monumentais, por sua abrangência, o que com certeza facilita o desenvolvimento de um projeto como este, devemos reconhecer a brilhante iniciativa da instituição em fazê-lo. “A Little Gay History” constitui um marco no reconhecimento da diversidade sexual e de gênero presente nos acervos museológicos.

Outro projeto digno de nota é o “Queering The Collections”, criado em 2014 pela IHLIA LGBT Heritage, Reinwardt Academy, Amsterdam Museum and ICOM International Committee for Collecting (COMCOL). O projeto constitui uma rede de profissionais, estudantes e representantes governamentais interessados em colaborar com a salvaguarda, a pesquisa e a comunicação da memória e patrimônio LGBT na Holanda.

Desde sua criação, o grupo tem fomentado a discussão sobre as referências patrimoniais relativas à diversidade sexual em instituições não LGBTs por meio da organização de eventos diversos, de publicações e exposições, dentre outras ações. Em seu site, o grupo reúne uma série de materiais sobre o tema.

Por fim, valorizando a museologia brasileira, é importante citarmos algumas experiências recentes desenvolvidas em instituições museológicas do país<sup>10</sup>.

A primeira diz respeito ao Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo. A instituição dedicada à história de Porto Alegre, em 2016, em parceria com o Nuances Grupo pela Livre Expressão Sexual e demais organizações, montou a exposição 'Uma Cidade pelas Margens' abordando a história da comunidade LGBT da cidade.

Esta mostra foi realizada por meio da investigação do acervo institucional e do empréstimo de acervos pessoais. Ao ouvirmos relatos de membros da equipe do Museu envolvidos neste projeto é possível perceber a relevância de revisarmos os acervos museológicos pela ótica da valorização da memória LGBT.

A exposição “Clóvis Bornay – 100 anos” também é digna de nota. Montada no Museu da República, cidade do Rio de Janeiro, com curadoria do museólogo Mário Chagas, a exposição homenageou os 100 anos do nascimento do museólogo e carnavalesco Clóvis Bornay. Durante a mostra foram expostas fantasias originais, croquis, fotografias e manuscritos que pertencem à coleção de Bornay incorporada ao acervo do Museu Histórico da Cidade do Rio de Janeiro.

Já em 2020, o Memorial da Resistência inaugurou a exposição Orgulho e Resistências: LGBT na ditadura. Com curadoria do professor de direito Renan Quinalha e em parceria com o Museu da Diversidade Sexual, a mostra aborda a violenta repressão sofrida pela comunidade LGBT durante o período ditatorial brasileiro, bem como

---

<sup>10</sup> Para um breve panorama de iniciativas recentes pró-memória LGBT desenvolvidas por organizações da sociedade civil brasileira, cf. , 2020.

as férteis iniciativas de resistência produzidas pela comunidade durante o período.

Orgulho e Resistência, a despeito da incerteza na retomada da frequência de espaços culturais por ocasião da pandemia do Covid-19, é um sopro de esperança na valorização da memória e patrimônio LGBT brasileiras. Ainda mais em um período onde a perseguição à expressão da diversidade sexual é constantemente atacada por agentes governamentais<sup>11</sup>.

As iniciativas citadas fornecem um pequeno exemplo de como as instituições museológicas não LGBT têm procurado valorizar e comunicar suas coleções sobre a diversidade sexual e de gênero - à passos lentos, eu diria. De toda forma, cabe a nós, profissionais e militantes de nossa área, divulgarmos tais projetos no intuito de inspirarmos outras instituições.

### **Considerações finais**

O ditado “no meu tempo não existia isso”, direcionado à comunidade LGBT, já se mostrou, para aqueles com o mínimo de conhecimento histórico sobre o tema, uma grande falácia. A existência de interesse sexual e desejo amoroso entre pessoas do mesmo sexo pode ser identificada em todas as sociedades humanas, bem como o escamoteamento deste dado concreto pela ciência, pelas instituições de memória e pela imprensa, por exemplo.

Após a constatação destes fatos, torna-se urgente o empenho pela mudança. Empenho este que não deve proceder apenas de parte de membros da comunidade LGBT, mas também de todos que acreditam, de fato, na construção de uma sociedade livre de fobias sexuais e de gênero.

O Museu Paulista encontra-se atualmente em um momento fenomenal para a maturação desta discussão. Fechado desde 2013

---

<sup>11</sup> Fundamental destacar que a exposição Orgulho e Resistência mobiliza peças presentes no Acervo Bajubá, coleção privada de arte e cultura LGBT brasileira, e do Arquivo Público do Estado de São Paulo, responsável pela cessão de dezenas de imagens de travestis, transexuais e homossexuais reprimidos na cidade de São Paulo durante o período militar brasileiro.

por questões de ordem predial, o Museu está em processo de desenvolvimento do plano de reabertura prevista para 2022, ano do Bicentenário da Independência do Brasil. Este plano envolve o restauro e a ampliação do prédio e a reflexão sobre os futuros rumos da instituição, exemplificada essencialmente na revisão do atual Plano Diretor, na formulação de um Plano Museológico e na criação da identidade institucional – ações elencadas no Programa de Gestão 2016 e 2020 da instituição.

Neste processo, é fundamental que o Museu Paulista reveja sua política de encaminhamento das questões relativas aos papéis de gênero e à ausência da abordagem da diversidade sexual, dentre outros tópicos que não constituem objeto de interesse deste texto. Esta revisão deve ser feita pela equipe interna do Museu, incluindo docentes e servidores técnicos, e por agentes externos, tais como docentes de outras instituições, pesquisadores, militantes e diversos outros representantes da sociedade civil.

A instituição museu demandada atualmente por parte da comunidade museológica e da sociedade civil é uma instituição que dialoga com e é construída por amplos setores sociais, que se mostra aberta a valorizar a diversidade humana, em seus aspectos raciais, sexuais, de classe e de corporalidade, e que está disposta a dar vazão às inúmeras narrativas possíveis sobre os indicadores de memória e patrimônio de suas comunidades.

## Referências

Abreu, R (1996). *A fabricação do imortal: memória, história e estratégias de consagração no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco.

Almeida, M. M (1996). MUDANÇAS SOCIAIS / MUDANÇAS MUSEAIS, Nova Museologia/Nova História - Que relação?. *Cadernos de Sociomuseologia*, [S.l.], v.5, n. 5, jun. [Disponível em <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/254>, consultado em 25/10/2020.

Alves, A. M. de A. (2001). *O Ipiranga apropriado: ciência, política e poder: o Museu Paulista, 1893-1922*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP.

Amaral, F. (2014). Os quatro caminhos para o lete: o mergulho de objetos, coleções e acervos LGBTTQ na desmemória. *Anais do II Seminário Internacional Museu, memória e ativismo*. Goiânia, GO, p. 237-249 [Disponível em <https://pt.calameo.com/books/001105595fb2d9f1dbc04>, consultado em 25/10/2020].

Baptista, J.; Boita, T (2017). Memória e esquecimento LGBT nos museus, patrimônios e espaços de memória no Brasil. *Revista do Centro de Pesquisa e Formação SESC*, v. 5, p. 108-119 [Disponível em <https://www.sescsp.org.br/files/artigo/70a5e644/a393/463e/a32c/38a11c4c671c.pdf>, consultado em 25/10/2020].

Barnat, F.; Bauer, L (2017). 'Sabia que Estaria Aqui': Relatos sobre os Processos Criativos do Projeto 'Uma Cidade pelas Margens'. *Revista Latino Americana de Geografia e Gênero*, v. 8, n. 1 [Disponível em <https://revistas2.uepg.br//index.php/rlagg/article/view/10367>, consultado em 25/10/2020].

Barros, J. D (2005). A História Social: seus significados e seus caminhos. *LPH—Revista de História*, p. 14-15 [Disponível em [https://www.researchgate.net/profile/Jose\\_Barros33/publication/321024813\\_A\\_Historia\\_Social\\_seus\\_significados\\_e\\_seus\\_caminhos/links/5a09054c4585157013a767c1/A-Historia-Social-seus-significados-e-seus-caminhos.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Jose_Barros33/publication/321024813_A_Historia_Social_seus_significados_e_seus_caminhos/links/5a09054c4585157013a767c1/A-Historia-Social-seus-significados-e-seus-caminhos.pdf), consultado em 25/10/2020].

Benevides, B. (2020). Brasil lidera o consumo de pornografia trans no mundo (e de assassinatos), *Revista Híbrida* [Disponível em: <https://revistahibrida.com.br/2020/05/11/o-paradoxo-do-brasil-no-consumo-de-pornografia-e-assassinatos-trans/>, consultado em 25/10/2020].

Bruno, M. C O (2007). Museology as a Pedagogy for Heritage, *Cadernos de Sociomuseologia*, Vol. 27, No. 27 [Disponível em

<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/445/349>, consultado em 25/10/2020].

Burke, P. (Org.) (1992). *A Escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 13ª edição.

Carvalho, V. C. (2014). Interior objects collection in a history museum: shifting from donations to research-based acquisitions. *University Museums and Collections Journal*, 7, 9-19 [Disponível em <http://umac.icom.museum/wp-content/uploads/2017/08/UMACJ-7.pdf>, consultado em 25/10/2020].

Coenraedts, T.; Knoop, R.; Pol, P (2016). *Queering the Collections. Tips & tricks voor het nog zichtbaarder maken van gender- & seksuele diversiteit in musea en collecties*. Amsterdam: IHLIA LGBT Heritage, Reinwardt Academie en de auteurs [Disponível em [http://comcol.mini.icom.museum/wp-content/uploads/sites/9/2019/01/Queering\\_the\\_Collections\\_publicatie\\_light.pdf](http://comcol.mini.icom.museum/wp-content/uploads/sites/9/2019/01/Queering_the_Collections_publicatie_light.pdf), consultado em 25/10/2020].

Hoonard, L.; Knoop, R.; Parry, M. S.; Schram, K (2017). *Queering the Collections. Annual Report 2016*. Amsterdam: IHLIA [Disponível em [http://network.icom.museum/fileadmin/user\\_upload/minisites/comcol/pdf/QtC\\_Annual\\_Report\\_2016\\_FIN\\_Xa\\_Ic\\_web.pdf](http://network.icom.museum/fileadmin/user_upload/minisites/comcol/pdf/QtC_Annual_Report_2016_FIN_Xa_Ic_web.pdf), consultado em 25/10/2020].

Lubar, S (2015). Fifty Years of Collecting: Curatorial Philosophy at the National Museum of American History. *Federal History*, v. 7 [Disponível em: [http://www.shfg.org/resources/Documents/FH%207%20\(2015\)%20Lubar.pdf](http://www.shfg.org/resources/Documents/FH%207%20(2015)%20Lubar.pdf), consultado em 25/10/2020].

Makino, M.; Silva, S. R.; Lima, S. F.; Carvalho, V. Carneiro (2003). O Serviço de documentação textual e iconografia do Museu Paulista. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, v. 10-11, n. 1, p. 259-304 [Disponível em

<http://www.revistas.usp.br/anaismp/article/view/5390>, consultado em 25/10/2020].

Meneses, U. B (1990). *Plano Diretor do Museu Paulista da USP* In: , L. S. (2018). *Apontamentos acerca da política de aquisição de acervo no Museu Paulista (1990-2015)*. 2018. Dissertação (Mestrado em Museologia) - Museologia, Universidade de São Paulo, São Paulo [Disponível em <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/103/103131/tde-01102018-094720/pt-br.php>, consultado em 25/10/2020].

\_\_\_\_\_ (1990b). *Novos rumos para o Museu Paulista. Diretrizes para implantação imediata de um museu histórico*. São Paulo, Museu Paulista.

\_\_\_\_\_ (1994). Museu Paulista. *Estudos Avançados*, v. 8, n. 22, p. 573-578 [Disponível em <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9759>, consultado em 25/10/2020].

Museu Paulista (1988). *Parecer do Museu Paulista*. São Paulo, Museu Paulista.

O’Keefe, P. J (1998). Museum Acquisitions Policies and the 1970 UNESCO Convention. *Museum International*, 50, p. 22 [Disponível em <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/1468-0033.00131/epdf1>, consultado em 25/10/2020].

Parkinson, R. B (2013). *A little gay history: desire and diversity across de world*. Londres: The British Museum Press.

Paula, T. C. T (2006). Tecidos no museu: argumentos para uma história das práticas curatoriais no Brasil. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 253-298 [Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-47142006000200008&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-47142006000200008&lng=en&nrm=iso), consultado em 25/10/2020].

Pearce, S. M. (ed) (2001). *Interpreting objects and collections*. London, Routledge.

Schmidt, F. (1992). Codes of museum ethics and the financial pressures on museums', *Museum Management and Curatorship*, Vol. 11 [Disponível em <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/09647779209515318?journalCode=rmmc20>, consultado em 25/10/2020].

Souza, E. M.; Carrieri, A. P (2010). A analítica queer e seu rompimento com a concepção binária de gênero. *Revista de Administração Mackenzie*, v. 11, n. 3, p.46-70 [Disponível em [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1678-69712010000300005&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1678-69712010000300005&script=sci_abstract&tlng=pt), consultado em 25/10/2020].

Souza, F. F (2015). Trabalho doméstico: considerações sobre um tema recente de estudos na História Social do Trabalho no Brasil In. *Revista Mundos do Trabalho*, vol. 7 n. 13. p. 275-296 jan-jun. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/mundosdotrabalho/article/view/1984-9222.2015v7n13p275>, consultado em 25/10/2020].

Vieira, L. S. (2020) Notas sobre iniciativas contemporâneas de cogestão das memórias LGBT. *Revista Memórias LGBTQ+*, p. 10 - 15, 05 abr. [Disponível em <https://memoriaslgbt.com/wp-content/uploads/2020/04/Revista-memoriaLGBT-12-D-V2.pdf>, consultado em 25/10/2020].

Weil, S (2012). *Making museums matter*. Smithsonian Institution.

Yasaitis, K. E (2006). Collecting Culture and the British Museum. *Curator: The Museum Journal*, v. 49: p. 449–462 [Disponível em <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.2151-6952.2006.tb00236.x>, consultado em 25/10/2020].